

Os animais agradecidos nos contos populares e o dilúvio

TODOS conhecem êste tema largamente disseminado nos contos populares. Um serviço prestado por o herói do conto a um animal em circunstâncias críticas, provoca da parte deste um reconhecimento que salva o seu bemfeitor. São muito vulgares nos contos os reconhecimentos de abelhas, formigas, peixes, etc. etc.

É de crer que êste tema não nascesse da observação directa de tais reconhecimentos e que tenha origem em outra ordena de especulações. É a matéria dêste artigo. Procura-se qual o animal protótipo dêste tema e qual a ordem de factos ou em que remota tradição ele se integra.

Claramente, o animal tipo de que os outros são sitnples variantes deve encontrar-se em contos vastamente espalhados e deve relacionar-se com tradições ou factos antiquíssimos.

Vai servir-nos de base para este estudo o conto popular russo «Emiliano Parvo» que faz

parte da bela coleção de «Contos Populares Russos», do Dr. Alfredo Apell, ilustre professor da Faculdade de Letras de Lisboa (1).

Resumamos, pois, esse conto, dando, porém, textualmente, as passagens que mais nos interessam.

Emiliano, parvo e preguiçoso, vai ao rio buscar água, de mando das cunhadas. «Quando chegou ao rio, fez um grande buraco no gelo. Depois encheu os baldes de água e pô-los em cima do gelo e deixou-se estar ao pé do buraco, olhando para a água.

«O parvo viu nadar um pequeno lúcio no buraco; ora o Emiliano, embora fôsse parvo, queria não obstante apanhar o lúcio, e por isso foi-se aproximando a pouco e pouco, e quando estava bem perto dêle, agarrou-o com a mão, tirou-o da água, meteu-o no seio e queria ir para casa. Mas o lúcio disse-lhe:—Oh Parvo, para que é que me apanhaste?...

—Para quê? disse ele, levo-te para casa e digo às minhas cunhadas que te cozam.

—Não, Parvo, não me leves para casa, deita-me ao rio que te faço rico.

Mas o Parvo não se fiava nele, e queria ir para casa.

O lúcio, vendo que o parvo o não largava, disse:

(1) Dr. A. Apell – «Contos Populares Russos» (traduzidos do original). Tradições do povo português e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro. Lisboa, 1920.

—Escuta, Parvo, deita-me ao rio; hei de te fazer tudo que desejares.

O Parvo, ao ouvir isto, ficou muito contente...»

Ensinou-lhe o lúcio, depois, a fórmula que lhe daria tudo o que desejasse: «Manda o lúcio e peço eu que...

De posse desta fórmula, o Parvo ia obtendo quanto desejava, até que um dia, vendo a filha do rei à janela, não pôde deixar de dizer baixinho: «Manda o lúcio e peço eu que aquela linda rapariga se apaixone por mim.» Apaixona-se a princesa e pede ao pai para casar com o Parvo. O rei, irritado, manda meter num tonel o Parvo e a filha.

«Trataram imediatamente de fazer o tonel e trouxeram-no ao rei. Quando o rei tinha tudo pronto, mandou meter no tonel a filha e o Parvo, e alcatroar o tonel, e depois o rei mandou deitar o tonel ao mar...»

Depois de o tonel ter andado algumas horas, o Parvo invocou o auxílio do peixe a instâncias da sua companheira:

«Manda o lúcio e peço eu que o mar deite este tonel em seco, na praia, perto do nosso reino...

«Mal o Parvo proferiu estas palavras, logo o mar começou a agitar-se e deitou o tonel em sêco, na praia.

«O Emiliano levantou-se e foi com a princesa por aquele sitio onde se encontravam, e viu que estavam numa ilha muito bonita, onde havia muitíssimas e variadas árvores de fruta...»

De novo, a instâncias da princesa, Emiliano invocou:

«Manda o lúcio e peço eu que no meio desta ilha apareça um palácio melhor que o do rei e que no meu *haja gente de todas as condições* (1).

«Mal proferiu estas palavras apareceu logo um palácio enorme e *uma ponte de cristal* (2).

Seguidamente o Parvo pediu para ser esperto e belo, e «depois o Emiliano mandou um criado ao rei a convida-lo mais os seus ministros. O enviado de Emiliano *foi ao rei pela ponte de cristal*» (3) convidar o rei a jantar com ele», e as pazes fizeram-se.

Este conto tem um grande número de versões em diversos países, como o leitor pode ver consultando a citada obra do Dr. Apell (4), onde veem resumidas as principais. Lembremos que em Portugal se encontram várias (5). Em algumas versões, o par já tem um menino, e há referências a provisões (figos) (6) para a viagem. O conto russo parece-nos dos mais completos, contendo, como veremos, alguns curiosíssimos

(1) O itálico è nosso.

(2) Idem.

(3) Idem.

(4) Pág. 50 e seguintes.

(5) A. Coelho. «Contos Tradicionais portugueses», João Mandrião; T. Braga. «Contos Trad. do Povo Port.» O Peixinho Encantado; Consiglieri Pedroso, «Contos Populares Port.» O Preguiçoso da Forneira; Ataíde de Oliveira, «Contos Trad. do Algarve», vql. 1.º, Pedro Preguiça.

(6) Versão Napolitana, etc.

pormenores. Qual a origem dêste conto, ou antes, em que ordem de ideias se filia este conto? As considerações que faz o Dr. Apell repelindo as pretensões de Schott de derivar o conto napolitano, variante deste, da lenda de Perseu, parecem-nos inteiramente justas; mas, eliminando a hipótese da lenda de Perseu, como origem do nosso conto, haverá alguma outra lenda, tradição ou mito em que se possa filiar o conto de que nos ocupamos?

Pensamos que este conto é uma deformação do mito do dilúvio.

Já em o nosso livro «Nova Teoria do Sacrifício», tivemos ocasião de aludir ao dilúvio, dando algumas versões dêsse mito e inclinndo-os para a sua unidade, contrariamente às teses arrojadas de Paul Regnaud e outros. Será a narrativa do dilúvio eco dalgum fenómeno glaciário, dalguma simples inundação local, terá, mesmo, por base, outros factos? No livro citado adiamos para futuro estudo o exame dessa questão. Ainda faremos agora o mesmo. Brevemente, porém, publicaremos os documentos que coligimos tendentes a justificar outra interpretação desse mito. Unicamente pretendemos agora estabelecer que o conto do Emiliano e congéneres pertence ao ciclo do dilúvio, sejam quais forem os factos que o mito se refere, sem discutirmos, também, se a prioridade das

várias versões do dilúvio pertence às arianas ou às semíticas.

A Índia oferece-nos algumas narrativas do dilúvio, duma notável persistência de pormenores, que imediatamente sugerem a possibilidade de que o conto em questão tenha nelas a sua origem.

A versão mais antiga (segundo Lenormant⁽¹⁾, entre os séculos XIV e IX A. C.) é a do *Catapatha Brâhmana*⁽²⁾, que nos narra da forma seguinte o episódio ao dilúvio:

1

«De manhã, eles (os sacrificadores) trouxeram água a Manu para êle se banhar, como eles a trazem para a ablução das mãos. Enquanto assim se banhava, veio-lhe um peixe às mãos.»

2

O peixe disse-lhe esta palavra: «conservame e eu te farei atravessar».

- (1) Lenormant—*Les Origines de l'Histoire*, 1890, vol. 1.º, pág. 53. Esta alta antiguidade é talvez exagerada.

(2) Versões do *Çatap. Br.*: Julius Eggeling. «*Sacred Books of the East*», XII, 216; Max Müller, «*Hist. of Sansc. litt.* 425; Weber, «*Indische Studien*», t 1.º, pág. 161; Muir, «*Orig. Sanscr. texts*», 1, 182; Paul Regnaud—«*Comment naissent les Mythes*, Paris, 1898, pág. 66. A tradução deste eminente professor de sanscrito da Faculdade de Letras de Lião è literal e vem acompanhada do texto sânscrito. É a que seguimos.

«O que me farás tu atravessar?» (disse Manu).— «Uma cheia (*aughá*) levará todas estas criaturas, é a ela que eu te farei atravessar» disse o peixe). — «Como conservar-te?» disse Manu?

3

«Êle (o peixe) respondeu: Enquanto somos pequenos, grande é a destruição (') (que nos ameaça); o peixe come o peixe. Conserva-me primeiro num vaso; depois, quando eu fôr demasiado grande para êle, cavarás um fôssó, onde me conservarás; depois, quando eu for demasiado grande para êle, levar-me hás para o mar. Eu estarei então acima de todo o poder destruidor.»

4

«Êle (o peixe) em breve se tornou um jhasha. Cresceu consideravelmente. (Ele disse então a Manu): «No ano em que esta cheia (de águas) vier, recorre a mim, depois de teres fabricado um navio; depois entrarás no navio colocado nas águas ascendentes, e eu te farei atravessar para àlêm.»

5

«Êle (Manu) depois de assim ter conservado o peixe, levou-o para o mar. Manu, no ano que o peixe lhe indicou, aproximou-se (dêle) depois

(1) À letra: grande è a destruidora...

A versão de «Matsia-Purâna» dá-nos essa tradição dum modo um pouco diferente. Manu, filho do sol, depois de se entregar a grandes penitências, pede a Brahma que lhe conceda o favor de poder salvar todos os seres vivos quando chegar o dia da dissolução do universo. Brahma consente, e um dia em que Manu fazia as suas oblações aos Pitris, cai-lhe nas mãos um grande peixe que com leves variantes procede como o do Ç. B. e do Mahabhârata. Entre outras recomendações, figura a de embarcar consigo todas as criaturas vivas (').

Pouco interêsse ofereceriam para o nosso assunto as idênticas versões do Bhâgavata-Purâna e do Agni Purâna, motivo por que as omitimos.

Não precisam estas narrativas de extensos comentários fazendo avultar as suas semelhanças com o conto que estudamos. Em ambos os casos um peixe implora protecção, e, em troca do serviço que lhe é prestado, salva o seu protector. Repare-se, mais, que uma das acções do peixe, no conto, consiste em fazer chegar a terra o tonel que voga no mar, da mesma forma que o peixe de Manu o conduz à montanha.

Estes traços comuns, perfeitamente nítidos, difficilmente podem ser convergências casuais. Se os scenários dos contos e dos mitos, se motivos secundários variam, mais variam entre si as versões do conto, e, no entanto, pode-se esta-

(1) P. Regnaud, ob. cit. pág. 26.

de ter construído um navio; depois entrou no navio nas águas ascendentes. O peixe nadou para ele e desligou a corda do navio (para a prender) ao seu corno ⁽¹⁾. Graças a isto, êle foi avançando até ao cume da montanha.

6

O (peixe) disse a Manu: «Eu fiz-te atravessar. Prende o navio à árvore...

7

«Desejando posteridade, Manu exerceu macerações. Aí mesmo sacrificou por mais duma oblação quente...»

O «Mahâbhârata» diz-nos que Manu, filho de Vivasvat, se entregava ao ascetismo à beira dum rio, quando o peixe veio implorar o seu auxílio. Seguem-se serviços idênticos ao mencionado no «Çatapatha-Brâhmana.» ⁽²⁾. Note-se que um pormenor aparece que liga a tradição hindu à semítica — a recomendação feita a Manu pelo peixe de embarcar consigo todas as sementes designadas outrora pelos brâhmanes.

(1) Este passo compreende-se melhor pela versão do Mahâbhârata: o peixe diz a Manu: «Construirás um forte navio, munido de cordas, no qual embarcarás com os 7 Rishis... Esperar-me hás neste navio e eu virei ter contigo, com um corno na cabeça para me reconheceres...» *Lês Livres Sacrès de l'Orient, traduits ou revus et corrigés par G. Pauthier, pág. 337.*

(2) P. Regnaud, ob. cit. pág. 74.

belecer com certeza a sua mútua dependência. Mas as analogias entre os mitos do dilúvio e o conto, não se limitam às que ficam apontadas: há-as maiores e mais estranhas.

* * *

Faz parte do quadro do dilúvio, em diversos povos, o aparecimento dum arco-íris após o cataclismo. Credo nós na unidade das tradições do dilúvio, dados os factos comuns que encerram, supondo mesmo, com Monseur (1) e outros, que as narrativas conhecidas do dilúvio são derivadas de outras desconhecidas mais compreensivas, não temos dúvida em procurar num conto, que pensamos ser uma variante popular da narrativa do dilúvio, os diferentes pormenores que se encontram nesse género de mitos.

Todos conhecem o dilúvio narrado no Génesis e o seu arco-íris. Noutros aparece também. Na China, p. ex. diz-se que «Kung-kung, génio mau ou gigante rebelde, irritado, atirou a sua cabeça contra uma das colunas do céu com uma tal violência que a coluna quebrou-se e que esta parte do céu abalou a terra. Resultou daí que ondas enormes submergiram o universo, mas Niu-hoa venceu a água com a madeira, e cons-

(1) Monseur — Bulletin de Folklore Wallon, 1.º, 1892. Monseur faz a hipótese duma versão babilónica, protótipo comum da narrativa bíblica e da lenda hindu. Citado por P. Regnard, ob. cit., pág. 98.

truiu um navio próprio para uma longa viagem. Depois sabemos que poliu uma pedra de cinco cores (o arco-íris), etc. (1).

Entre os lituanos há uma lenda do dilúvio «cujo fundo é muito antigo, não obstante ter tomado um carácter de conto popular... o deus Pranzimas, vendo a terra cheia de desordens, envia dois gigantes (a água e o vento) para a destruírem. Estes derrubam tudo no seu furor, e somente alguns homens escapam numa montanha. Então Pranzimas, estando a comer nozes celestes, deixa cair perto da montanha uma casca, na qual os homens se refugiam e que os gigantes respeitaram. Salvos do desastre, dispersam-se depois, e um só par, muito velho, ficou na terra, numa desolação por não ter filhos. Pranzimas para o consolar manda-lhes o seu arco-íris e prescreve-lhe que saltem sobre os ossos da terra, o que lembra singularmente o oráculo que recebe Deucalião» (2).

Os Celtas conservam também o arco-íris na sua tradição do dilúvio. Era a cintura de Hu. Para se defender contra os espíritos malignos, que contra ele desencadearam todas as tempestades, Hu limitou-se a traçar à volta do seu escudo (a abóbada celeste) uma figura invisível, o arco-íris» (3). Outra referência ao arco-íris:

(1) Luken — *Les Traditions de l'Humanité*, tr. de Van der Haeghen, 1862, vol. 1.º, pág. 282.

(2) Lenormant, *ot. cit.* 1.º, pág. 444.

(3) Davies. *Mythology of the brit. Druids*, pág. 533, cit. por Luken, *ob. cit.*

«Arianrhod, a dama da roda de prata, resolveu deter as terríveis e súbitas ondas; por amor pelos bretões formou a torrente do arco-íris, que libertou a terra da tempestade e fez desaparecer do mundo a perversidade do seu estado anterior» ⁽¹⁾.

O dilúvio babilónico oferece evidentes pontos de contacto com o do Génesis, e também com o da Índia, porque o Oanes de Beroso, é um homem peixe, e Ea, o deus que salva Uta-napishtim é simbolizado por um peixe. Daí haver quem sustentasse que o dilúvio semítico procederia da Índia ⁽²⁾. Oldenberg, diz a êste propósito: «com a maioria dos autores, eu olho esta narração (a da Índia), de tradição relativamente recente, como tirada aos Semitas» ⁽³⁾. Como quer que seja, o facto é que nela figura um peixe salvador, ao mesmo tempo que a coincidência com a hebraica é, a bem dizer, perfeita, dando-nos assim um todo mais compreensivo. Uma lacuna que é de estranhar no mito assiro-babilónico é a ausência do arco-íris de que nos vimos ocupando. Haverá essa lacuna? Uma passagem do dilúvio assiro-babilónico, que aparece traduzida de modos diferentes, talvez contenha esse pormenor. Quero referir-me aos versículos que seguem os que narram a saída da arca de Uta-napishtim e o

(1) Davies, id., pág. 269, cit. por Luken.

(2) Lindner—Festgruss an Roth, pág. 213 e seg.

(3) H. Oldenberg—La Religion du Véda, trad. de Victor Henry, pág. 233.

oferecimento do sacrifício. Narração paralela à do Génesis, era de esperar que aparecesse nessa altura o arco-íris. Os versículos a que aludo são: .

163) ul-tu ul-la-nu-um-ma (ilu) belit ilani
ina ka-sha-di-shu.

164) ish-shi NIM (MESH) rabute sha (ilu)
A-nu-um (var. num) i-pu-shu ki-i shu-hi-shu.

165) ilani an-nu-ti (var. tum) lu-u (abnu)
sibri-ia ai am-shi.

166) ume an-nu-ti (var. tum) lu-u (var. om)
ah-su-sa-am-ma ana da-rish ai am-shi.

Dhorme traduz nestes termos:

163) Aussitôt que la souveraine des dieux arriva, (164) Elle éleva les grandes pierreries qu'avait faites Anou, selon son désir; (165) O dieux ici présents, aussi vrai que je n'oublierai pas mon collier de lapis-lazuli, (166) Aussi vrai je me souviendrai de ces jours-ci et jamais je ne les oublierai! ⁽¹⁾

Esta alusão ao seu colar em penhor de que nunca se esquecerá do dilúvio, sugere-nos o arco de aliança produzido em circunstâncias idênticas. Além disso, o colar pode bem ser um símbolo do arco-íris, susceptível de outros símbolos, como veremos.

Gunkel ⁽²⁾ traduz de modo idêntico:

«163 Als drauf die Hehre herangekommen

(1) Dhorme—«Choix de Textes choisis Assyro-Babyloniens», pág. 114. V. comentário, pág. 113.

(2) Gunkel—Shöpfung und Chaos, 1895, pág. 427.

war, (164) Da erhob sie das köstliche Geschmeide, das Anu gefertig ihr zu wunsche: (165) Ihr Götter hier! Bei meinem Halsshmuck! Nicht werde ich vergessen (166) diese Tage, ihrer denken, si ewig nicht vergessen!»

Rosenberg ⁽¹⁾ traduz de foma semelhante, só com Δ diferença que, em vez de *Halsshmuck*, colar, emprega *Juwel* joia.

Mas Haupt emprega sem hesitação o arco-íris: «Então a grande deusa, à sua chegada, «acende o arco-íris que Anu criou» ⁽²⁾.

Por tudo o que precede, parece-nos que não existe a lacuna a que nos referimos, e que qualquer das traduções citadas, quer directa quer metaforicamente a preenche.

Quer, porém, se admita ou não que a narrativa assiro-babilónica contenha o dado do arco-íris, é certo que outros mitos do dilúvio o conteem. E sendo assim, é lícito procurar no nosso conto também esse pormenor, caso ele, como supomos, se refira ao dilúvio.

Ora esse dado existe. Uma das formas por que se representa o arco-íris, em vários povos, é a de uma ponte. Entre os germanos, p. ex. «uma ponte, *Bifröst*, o arco-íris, conduz do céu à terra. Esta ponte é a mais artística obra que haja no

(1) Rosenberg—Assyrische Sprachlehre und Keilschriftkund, pág. 68.

(2) In «Histoire de l'Ancien Testament. d'après le Manuel allemand du Dr. Shöpfer, par J. B. Pelt, Paris, Lecoffre, 1897, pág. 71.

céu e na terra...» (1) Outras vezes, representa-se o arco-íris como o caminho por onde os espíritos descem à terra para beber (2), quere dizer, uma ponte por onde os espíritos descem à terra.

Compreende-se agora a ponte de cristal a que se refere o conto. A seguir ao desembarque e à aparição do palácio, há a intervenção da ponte de cristal que representa o arco-íris, remate do drama do dilúvio.

Nem falta a alusão, frequentíssima nas narrativas do dilúvio, ao repovoamento do mundo, que claramente aparece no dilúvio grego, no da índia, etc. É, no conto, a criação sobrenatural da «muita gente que esperava as ordens do Parvo».

Eis a nossa tese com relação à origem do conto de Emiliano Parvo, e que não podemos deixar de generalizar para a intervenção dos animais agradecidos nos contos populares. O protótipo dêesses animais foi o peixe, pois que se relaciona com um mito antiquíssimo em que também figura; depois, por sucessivas alterações (são extremamente variáveis os animais e vegetais que aparecem nas lendas, etc.) foi dando todas as espécies de animais que vemos nos contos. Um exemplo frisante de, mesmo na

(1) Rodolfo Minutti—«Mitologia Tedesca» (Divinitá) Milano, 1910, pág. 9.

(3) W. W. Skeat—«Malay Magic», being an introduction to the folklore and popular religion of the Malay peninsula—1900, pág. 14.

tradição do dilúvio, o animal variar, é o caso do dilúvio entre os Chéroquis. «Parece uma tradução infantil da narrativa da Índia, com esta diferença: que é um cão que se substitui ao peixe no papel de salvador do homem que escapa ao cataclismo... (1)

Com estes dados, a fantasia popular, compondo e recompondo, chegou a contos de animais reconhecidos das mais variadas espécies e tamanhos, que ainda hoje são o encanto das crianças de todos os países.

JOSÉ TEIXEIRA REGO.

(1) Lenormant — Les Or. de l'Histoire, vol. 1.º, pág. 180.